

## A MORTE E O MORRER: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS FÚNEBRES DA FORTALEZA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Pedro Holanda Filho\*

### INTRODUÇÃO:

Existem diversas maneiras de historicizar a morte, o morrer, ou cemitérios. São possibilidades o estudo sobre o imaginário; sobre a memória e suas muitas implicações, como a construção da memória, construção da imagem do herói; identidade; costumes; urbanização; arte; arquitetura; ou sobre a patrimonialização. Tamanhas possibilidades são constatadas com a publicação de um catálogo de livros, teses, dissertações e artigos organizado, dentro outros, pela historiadora Maria Elizia Borges (BORGES, 2010).

Philippe Ariès, em seus estudos sobre a morte demonstrou as atitudes perante a mesma em um longo recorte temporal, desde a morte domada, na Idade Média onde as pessoas tinham uma postura religiosa, até a morte interdita ou selvagem, como em nossos dias, onde há a total negação por parte da sociedade (ARIÈS, 2003).

Embora criticando duramente Phillippe Ariès, Nobert Elias, da mesma maneira, discorre sobre a situação do moribundo em sociedades desenvolvidas. A sua obra *solidão dos moribundos* (2001), é construída através de uma perspectiva histórica e social comparativa. Elias aponta que todos os grupos sociais e sociedades construíram ideias específicas e rituais correspondentes sobre a morte, que se tornam um dos aspectos do processo de socialização: ideias e ritos comuns unem pessoas e grupos. A morte, seus significados e o tratamento dado aos moribundos constituem parte de uma problemática relacionada à estrutura dos grupos e do tipo específico de coerção a que os indivíduos estão expostos (ELIAS, 2001).

Michel de Certeau, em conformidade com Elias, discorre sobre a solidão imposta aos moribundos e o afastamento condicionado pelos vivos, saudáveis, a estes moribundos. Certeau refere-se ao morrer como o inominável, ao moribundo como o imoral e a morte: “Considerada por um lado um fracasso ou uma parada provisória da luta médica, subtraída por outro lado à experiência comum, chegando portanto ao limite do poder científico e escapando às práticas familiares, a morte é o *outro lugar*.” (CERTEAU, 2012: 266)

Este estudo se propõe a investigar as práticas e representações fúnebres da Fortaleza na primeira metade do século passado. Tal investigação parte da percepção que as mudanças ocorridas na cidade e no seu cotidiano acarretam em mudanças nos atos fúnebres e suas

---

\* Graduando do curso de História da Universidade Federal do Ceará; bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET – MEC/SESU). E-mail: fholandapedro@hotmail.com

representações. Esse período é marcado por mudanças que caminham em busca da modernidade, ocasionando rupturas nos comportamentos e costumes nessa Fortaleza do início do século passado. A primeira metade do século XX na capital cearense é um período de intensas transformações urbanas, ocasionando uma aceleração no cotidiano dos cidadãos.

Para a discussão sobre as representações fúnebres da Fortaleza nos primeiros anos do século XX, utilizou-se nesse trabalho a arte tumular, ou seja, os monumentos tumulares são entendidos como sistemas simbólicos que carregam sentidos dos quais possibilitará o estudo sobre os comportamentos e papéis sociais em seu determinado contexto histórico (BACZKO, 1985).

Com essa intenção de entender as práticas fúnebres nos primeiros anos do século passado, ressalta-se a importância de historiadores, memorialistas e intelectuais do período ou que escreviam sobre os ditos anos, como: Eduardo Campos; João Nogueira; Otacílio de Azevedo; Otacílio Colares; Raimundo de Menezes; Edigar de Alencar; Mozart Soriano Aderaldo; Antonio Bezerra de Menezes; Raimundo Girão. O presente trabalho buscará, por hora, o auxílio apenas de um desses cronistas aqui citados: João Nogueira.

Tais autores também nos ajudarão a perceber essas práticas fúnebres, a morte e o morrer, ou o cotidiano fortalezense como um todo. Através deles poderemos problematizar os discursos que permeavam a Fortaleza do início do século XX, a saber, um discurso modernista, médico, sanitarista que estava no embate com o discurso católico-religioso.

Também se pode utilizar periódicos da época, já que é corriqueiro o emprego dos mesmos para avisos fúnebres ou de missas de sétimo ou trigésimo dia. Dentre os jornais do período, destaca-se o jornal “O Nordeste”, pois este foi um jornal de cunho essencialmente católico, com um discurso que buscava sempre a defesa da moral e da retidão, a manutenção de valores que estavam sofrendo modificações, pois a sociedade fortalezense passava por um processo de modernização.

### **FORTALEZA DE OUTRORA:**

É pertinente discorrer sobre a Fortaleza do início do século XX, pois este trabalho parte da hipótese que essa Fortaleza passa por transformações que vão em direção à modernidade, como defende o historiador Sebastião Ponte, em a *Fortaleza Belle Époque*, com o desejo de remodelação. Esse é um período que ocorre mudanças nos contextos político, social, econômico e cultural, havendo um crescimento urbano e populacional, mudanças de comportamento e quando novos valores surgem nessa sociedade fortalezense.

As transformações na cidade de Fortaleza, ou melhor, sua remodelação urbana, como relata PONTE (1999), só ocorrerá de fato se for acompanhada de uma disciplinarização social. Portanto, as intervenções urbanas adquirem conotação de intervenções sociais. Sendo assim, aqueles que não se encaixam nos novos parâmetros dessa Fortaleza moderna são classificados como irreverentes e exóticos (PONTE 1999) e que demanda à moralidade. Esses tidos como exóticos são notadamente populares, sendo, deste modo necessário uma disciplinarização social, ou melhor, uma disciplinarização da pobreza (OLIVEIRA 2010).

Nas palavras do historiador Sebastião Ponte, um álbum com fotografias demonstrava tudo àquilo que representava a modernidade, o progresso e tudo aquilo que fazia da Fortaleza mais bela, pois a fotografia tem uma extraordinária capacidade imagética, sendo esta mesma uma novidade no cotidiano cearense, assim como no resto do país. O referido álbum exponha:

Em 1908 um álbum com fotografias de Fortaleza circulava pela Cidade. Para gáudio dos agentes locais da modernização urbana, o livro, confeccionado em papel nobre, trazia 160 estampas de tudo o que representava o aformoseamento e o progresso da Capital no começo do século: praças recém-remodeladas, jardins públicos, ruas alinhadas com bondes, transeuntes, sobrados e estabelecimentos comerciais, Passeio Público e Parque da Liberdade e seus elegantes frequentadores, estação Central Ferroviária, mansões e fachadas art-nouveau, cafés, templos, escolas, porto, praias, lagos etc. (o asilo e o cemitério não aparecem). (PONTE, 1999: 131).

Tais transformações iniciam desde meados do século XIX, como a iluminação pública que deixa de ser à base de azeite de peixe e passando a ser à base de gás carbônico, o telégrafo, o serviço telefônico, e no início do XX, como a chegada do automóvel, a melhoria do transporte, destacando-se o bonde que deixa de ter o sistema de tração animal para o elétrico, além do abastecimento de água e esgoto.

É notório como todas essas transformações que a cidade de Fortaleza perpassa, sejam no âmbito técnico ou nos costumes, caminham em conformidade com características basilares da modernidade defendida pelo historiador José Arimateia, quais sejam, a ruptura, o progresso e a aceleração (OLIVEIRA, 2010). Há um melhoramento dos serviços prestados na capital cearense, que provocam uma “aceleração”, como o bonde e o melhoramento e alargamento das vias ou a inserção do automóvel no cotidiano dos fortalezenses em defesa do progresso.<sup>1</sup>

## **REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS FÚNEBRES**

Os questionamentos que surgem, a partir da demonstração dessa “nova Fortaleza”, moderna, que busca o progresso, são como as práticas de enterramento são afetadas, se é que são, por essa modernidade, como a morte e o morrer passa a ser visto nessa sociedade fortalezense e quais as representações fúnebres dessa Fortaleza que se transforma em direção



à modernidade, cada vez mais urbana, sem, contudo, deixar suas características provincianas, como aponta PONTE (1999).

Para atender aos questionamentos que surgiram, lançaremos mão das crônicas históricas, entendendo-as como representações dessa Fortaleza do início do século passado, pois a partir destas crônicas pode-se vislumbrar as nuances do cotidiano da cidade e, conseqüentemente, as práticas fúnebres e como estas são afetadas nessa Fortaleza moderna. Em consonância com OLIVEIRA (2010), sobre tais crônicas históricas:

Não seriam todas e quaisquer crônicas que se incluiriam nesse afã de rememoração/memorização da cidade. Nesse ponto, especificamos que as crônicas que se prezam a tal intento devem se fazer acompanhar, sobremaneira, de aspectos que as deixariam com as características mesmo de similitude (ou verossimilhança, se preferimos) com a história, merecendo assim tais crônicas a pomposa dignificação de ‘crônicas históricas’ (OLIVEIRA, 2010: 11).

Os referidos cronistas escrevem em um momento que eles próprios constataam uma ruptura, notadamente nos costumes, registrando sobre o que estar se transformando ou mesmo próximo de desaparecer. Essa é a importância dos cronistas, pois, através deles, pode-se discutir sobre as transformações do dia-a-dia fortalezense, incluindo as práticas de enterramento.

É bastante interessante como o historiador José Arimateia legitima o uso das crônicas como fontes, entendendo-as como “cartões-postais” da cidade ou mesmo como lugares de memória, visto que estas tem a função de administrar o passado no presente. Assim, o passado é lugar de outra cidade e as crônicas são os “cartões-postais” dessa cidade (OLIVERIA, 2010).

Deste modo, destaca-se a memória já que as crônicas são produzidas a partir das memórias de seus autores e mesmo o uso dessas crônicas como lugares de memória. Se os mencionados cronistas escrevem sobre o referido período é porque este passa por grandes transformações ou está em processo de desaparecimento e, segundo NORA (1993), tais lugares devem ser funcionais, materiais e carregado do simbólico e sendo ainda mais contundente, “há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993: 07). A memória estar imbricada seja nas construções tumulares, seja nas crônicas históricas.

As representações também podem ser entendidas a partir dos monumentos tumulares, sendo assim, a arte tumular ganha destaque, pois esta carrega sentido e através dela notam-se as mudanças e permanências de atitudes sócio-culturais diante da morte, existência de múltiplas temporalidades e significado de cada peça desse imenso quebra-cabeça. É por meio



da arte tumular que podemos discutir sobre o imaginário, sistemas simbólicos, representações sociais (BACZKO, 1985). A arte tumular porta diferentes significados em diferentes contextos históricos, portanto, podemos perceber que, por meio dos monumentos tumulares, são expostas as representações sociais de cada época.

Segundo Roger Chartier, as representações são “matrizes de discursos e práticas diferenciadas que tem por objetivos a construção do mundo social” (CHATIER, 2002: 18). As representações podem mostrar os meandros da sociedade, são portadores do simbólico, falando mais do enunciam a uma primeira vista. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem a partir do real. Sandra Jatahy fala que as representações carregam sentidos ocultos que

Construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. (PESAVENTO, 2008: 41).

Conforme Bronislaw Bazcko (1985), “na maioria das representações coletivas, não se trata da representação única de uma coisa única, mas sim de uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre a prática” (BAZCKO, 1985: 306). As representações atuam mediante símbolos e CHATIER (2002), revela as suas funções simbólicas “como função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos do conhecimento científico” (CHATIER, 2002: 19).

Deve-se pontuar, sobre as representações, a sua relação com o objeto ausente, demonstrando algo que não estar presente, e a “exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém” (CHARTIER, 2002: 20), também devem ser pensadas em uma relação simbólica. A representação é, portanto, uma referência direta àquilo que se quer representar.

Os símbolos presentes nas construções tumulares têm diversas significações, dependendo da religião, especificidade local, contexto histórico, ideologia. O compromisso com a religião estabelecida, neste caso, católica apostólica romana, está exposto de forma evidente nos monumentos fúnebres do Cemitério São João Batista, portanto, a maior parte das suas construções tumulares remeterá a sua religiosidade. A morte, desde modo, é representada na concepção cristã, sendo sua arte carregada com os seus símbolos.

Nessa concepção cristã, “a morte é identificada como passagem de uma forma de vida social para a outra, de modo que ela não é o fim da existência, mas o começo de uma nova vida. É considerada com a ‘suprema iniciação’” (RODRIGUES, 1997: 149).

Philippe Ariès (1990), já esclareceu como a imagem da morte modifica-se após a idade média, passando a ser vista como algo natural, embora ainda associada à ideia de ruptura:

Mas o que foi feito então da morte, se já não é o jacente no leito, doente, suando, sofrendo e rezando? Torna-se qualquer coisa de metafísico que se expressa por uma metáfora: a separação da alma e do corpo, sentida como a separação de dois esposos, ou ainda de dois amigos, queridos e antigos. O pensamento da morte está associado à ideia de ruptura do composto humano, numa época que é a do túmulo da ala, onde o dualismo começava a penetrar na sensibilidade coletiva. (ARIÈS, 1990: 329).

As formas arquitetônicas das construções funerárias demonstram uma memória estética da morte. Devemos também lembrar que as construções tumulares não são formadas apenas por objetos arquitetônicos, mas também por epitáfios e o seu teor discursivo, em conjunto com esses objetos arquitetônicos, podem ser utilizados no sentido de perceber as diversas expressões dadas a morte.

No caso estudado, notamos o padrão das construções dessa época e como esse mesmo padrão se modifica ao longo dos anos, e através dos seus monumentos tumulares percebemos as atitudes e desejos vigentes na sociedade fortalezense nesse período, assim percebemos que a “sociedade dos mortos” não está isolada da “sociedade dos vivos”, uma não é o reflexo da outra, mas sim uma composição, uma compõe a outra.

Henrique Sérgio (2002) discorre sobre os padrões das construções tumulares do cemitério São João Batista, localizado em Fortaleza - CE, sendo esse o cemitério em atividade mais antigo da capital cearense. O referido autor demonstra três padrões nas primeiras décadas de existência do dito cemitério, encerrando-se sua pesquisa com o ano de 1915, defendendo que o padrão de Consolidação é percebido até o ano de 1930 (BASTISTA, 2002).

Pois bem, nota-se a mudança, pouco a pouco, desse padrão para a construção de obelisco. Observa-se tais construções no segundo plano do cemitério que vai entre 1916 a 1950, assim definido pela administradora do mesmo, a Santa Casa de Misericórdia,

Percebe-se a convivência entre os padrões das construções tumulares. Por um lado o padrão de consolidação e do outro os obeliscos, ou pirâmides. O primeiro, evidenciado pela atitude dos anjos e figuras femininas, exibindo “uma sensualidade até então excluída das



necrópoles” (BATISTA, 2002: 76), influenciada pela Art Nouveau, demonstram partes do corpo e atitudes de vitória, triunfal, de superioridade.

Já no segundo padrão aqui apresentado, os obeliscos são monumentos celebrativos construídos para homenagear grandes feitos, acontecimentos ou homens. Fica o questionamento: as construções desses obeliscos revelam que todos são grandes homens? Como citado, os túmulos devem perpetuar uma memória de si, são eternos e vencerão o esquecimento. Tenta-se, então construir uma imagem de si, ou da família, como homem honroso, digno de tal homenagem.

É também nesse período que são acentuadas as construções de túmulos-capelas, destacando o estilo gótico e barroco. As construções dessas capelas sinalizam também para a religiosidade, especificamente cristã. O espaço cemiterial é por si só sagrado, ser sepultado em sua própria capela parece revelar o desejo do recinto sagrado individual, aberto apenas para familiares.

Sobre o imaginário cristão do pós-morte, Michel Vovelle (2010) discorre sobre a constituição, busca, do terceiro local (purgatório) através de imagens cemiteriais. Ainda demonstra a existência de outros locais além do purgatório, para onde se vai após a morte, como por exemplo, o limbo. VOVELLE (2010) pondera que estes são locais da esperança pela salvação, para aqueles que, julgados por Deus, ainda não são merecedores da morada eterna. Ainda sobre o purgatório, pensa ser “mais do que um local: é um percurso subterrâneo no qual penetram, por uma porta fortificada, almas ansiosas em oração” (VOVELLE, 2010: 57). Desde modo, VOVELLE (2010) acena para o esforço humano em conviver com os mistérios do além-mundo e amenizar o trabalho de luto.

Sendo assim, a historiadora Cláudia Rodrigues (1997), elucida os sentidos, as funções dos ritos fúnebres para a sociedade cristã ocidental:

Assim, para a maioria das sociedades com uma cosmovisão religiosa, a integração do morto ao ‘outro mundo’ somente é reconhecida como acontecia após a realização das cerimônias fúnebres, ou quando o princípio da existência da pessoa tiver sido ritualmente conduzido à sua nova morada, no Além-túmulo, e lá for aceita pela comunidade dos mortos. Com efeito, para o homem religioso, a passagem da vida à existência *post-mortem* nunca é instantânea, é um trajeto, um percurso de provas e incertezas, cujo término se dá ao fim a celebração dos ritos funerários. (RODRIGUES, 1997: 149).

Como já nos demonstrou PONTE (1999) e OLIVEIRA (2010), a sociedade fortalezense na primeira metade do XX consolida-se como moderna. Contudo, ao passo que muitas inovações inevitáveis e desejáveis materializam-se, há também a discussão sobre uma

moralidade pública, comprometida, como defende o jornal “O Nordeste”, por essas inovações, nem sempre desejadas.

Como previamente mencionado, o teor discursivo do Nordeste sempre busca a manutenção dos valores provincianos, defendendo uma moralidade pública e uma honestidade de costumes, enfim, o tradicional. Conclui-se que não uma ruptura por completo entre o tradicional e o moderno, mas sim uma convivência entre o moderno e o antigo.

Se por um lado há as inovações inevitáveis e tão desejadas no âmbito técnico, progresso tecnológico, por outro lado, quando se ameaça os comportamentos da população, consideráveis estáveis, no que se refere à moral e os bons costumes, há um combate a essa modernidade.

Para evidenciar essa convivência entre o moderno e o antigo, urbano e o provinciano, recorremos a VOVELLE (1997), quando este relata “que as igrejas e capelas continuaram como o lugar de celebração dos serviços para o descanso das almas” (VOVELLE, 1997, p. 351). É bem verdade que Michel Vovelle escreve sobre os ritos fúnebres na Europa, especialmente sobre a França, mas também nota-se que o mesmo ocorre na cidade de Fortaleza, para tanto, o debruçar-se sobre os avisos fúnebres ou missas de sétimo e trigésimo dia nos demonstra tal acontecimento.

Interessante ainda observar estes avisos fúnebres, pois neles estão contidos informações sobre o falecido, expondo o nome dos familiares como referência, ou seja, a família nessa primeira metade do século XX ainda é uma família nuclear, patriarcal e que deve demonstrar às características do finado. Esses avisos fúnebres sempre veem acompanhados de símbolos religiosos, ou melhor, católicos, notadamente cruzeiros. Fato esse que pode revelar um compromisso com a religião estabelecida.

Já mencionamos a importância dos cronistas, assim lançamos mão de um deles, João Nogueira, para evidenciar esse processo de modernização da sociedade fortalezense exemplificando justamente com os ritos fúnebres. João Nogueira demonstra como se realizavam tais ritos e como toda a cidade tomava conhecimento sobre alguém que já descansava com Deus.

Sobre as práticas de enterramento, em meados do século XIX, “eram verdadeiras procissões que se estendiam por mais de um dos nossos quarteirões” (NOGUEIRA, 1992: 77). Cláudia Rodrigues (1997), também utilizando memorialistas na investigação das práticas funerárias, leva a entender que tais ritos fúnebres denunciados por João Nogueira em Fortaleza, eram os mesmos no Rio de Janeiro (espaço investigado pela Cláudia Rodrigues). Segundo RODRIGUES (1997), ainda no século XIX:



os mortos nos seus funerais eram alvos de um tratamento que ia desde a preocupação extremada com o vestuário aos cuidados com o caixão e com a armação da casa e da igreja. Os velórios e os cortejos eram ocasiões de “festa”, no sentido de concorrência de grande número de assistentes e acompanhantes. De agonia à morte, desde à sepultura, a solidão e o silêncio estavam ausentes; desde a administração últimos sacramentos até o sepultamento, a presença de parentes, amigos, fiéis afiliados às irmandades e do clero era buscada como fonte de oração pelas almas dos mortos; tudo acrescido dos insistentes dobres dos sinos das igrejas por onde passasse o cortejo do viático e, depois, o fúnebre. (RODRIGUES, 1997: 166).

Já na primeira metade do século passado, João Nogueira aponta uma “velocidade americana”, uma vida corrida, com certa agilidade, relata sobre os tempos modernos<sup>2</sup>, que proporciona o desaparecimento de certos costumes e o surgimento de entretenimentos modernos (NOGUEIRA, 1992). Os ritos fúnebres são caracterizados pela pouca solenidade, puxados a máquina (anteriormente carregado nos braços), passando com certa velocidade, convidados vestidos de todas as cores (antes sendo costume vestir apenas a cor preta) e com pouca solenidade. Destacando-se ainda a enterro dos anjinhos, sempre festivos e risonhos, claro com a presença de muitas crianças. (NOGUEIRA, 1992).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

As representações denunciam práticas, evidenciando uma sensibilidade coletiva perante tais aspectos que traz a tona sentimentos, temores e desejos, revelados por atos, ritos e imagens.

Percebe-se, portanto, através da arte tumular e das crônicas históricas, tidas como representações e “cartões-postais” dessa Fortaleza do início do século XX, as mudanças de atitude diante da morte, do morrer e do além-mundo.

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Fortaleza - CE é permeada por influências estrangeiras, como nos demonstrara PONTE (1999), OLIVEIRA (2010) e NOGUEIRA (1992), a modernidade modifica os costumes por meio de uma disciplinarização social, como já mencionado aqui.

Através dos memorialistas nota-se a latência dos discursos modernistas em detrimento ao discurso católico-religioso defendido pelo jornal “O Nordeste”, logo, não há uma ruptura nessa Fortaleza do início do século passado, mas sim uma convivência entre o moderno e o antigo, o urbano e o provinciano.

A morte, portanto e como já mencionado, não é finitude, pois existe a certeza do além-mundo, percebido através da arte tumular. A religiosidade tem papel central nessa percepção da vida após a morte.

Também como já aqui colocado, a meditação sobre a morte deve ser algo constante em vida e se deve fazer por merecer a salvação durante a vida e não apenas no momento da morte.

As sepulturas são símbolos de pertencimento a comunidade, é o local de reencontro, após a morte, da família, sendo esta sagrada. Tal sensibilidade é sentida através das construções e seus padrões de túmulares. Mas ARIÈS (1990) também se refere à mudança de sensibilidade coletiva, também evidenciada com a mudança nos padrões de construções fúnebres.

Há uma “aceleração” no cotidiano dos fortalezenses, ocasionada por essa modernidade. As práticas fúnebres não escapam dessas mudanças, a morte e o morrer passam a ser um não lugar, não desejado e se busca o afastamento dos mesmos o quanto antes.

Também deve ser ressaltada a dubiedade nesses aspectos, pois ao passo que as solenidades para com os mortos são reduzidas e há a procura pelo afugentamento destes, são construídos túmulos ostentosos, que simbolizam ou querem demonstrar a grandeza daqueles que ali estão sepultados, demonstrando uma continuidade em certos costumes.

Por fim, o nosso corpo não viverá para sempre, suas funções vitais cessarão e a vida acabará aí, mas a morte não, ela está apenas começando.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da Morte*. Vol. II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na Morte como na vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866 – 1915)*. Fortaleza. Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.
- BAZCKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: EULLI, Edmund. *Revista Anthropos-homem*. Lisboa, Casa da Moeda, 1985.
- BORGES, Maria Elizia. SANTOS, Alcienia Rodrigues. (orgs.). *Estudos cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos*. Goiânia. UFG/FAV/Ciar/FUNAPE, 2010.
- CERTEAU, Michel de. O inominável: a morte e morrer. In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Editora Vozes, 2011.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- NOBERT, Elias. *A solidão dos moribundos: Seguido de “envelhecer e morrer”*. Tradução: Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. Fortaleza: UFC, 1992.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*. IN: Projeto História, n° 10, São Paulo, PUC-SP. 1993.

OLIVEIRA, José de Arimatéia Vitoriano de. *Tempo moderno conforme narrativa ou a memória, a crônica, a história, o cotidiano: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX / Fortaleza*, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na sociedade dos vivos: Tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. – Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Diversão de Editoração, 1997.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na história: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo. Ática. 1997.

\_\_\_\_\_. *As almas do purgatório ou o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo – Editora UNESP, 2010.

## Notas

---

<sup>1</sup> Ver OLIVEIRA (2010). O referido autor faz reflexões sobre os tempos modernos a partir das narrativas, memórias e crônicas, as quais são utilizadas neste trabalho.

<sup>2</sup> Já mencionado por OLIVEIRA (2010).